

Denis Kozhukhin

piano

19 Set 2020
18:00 Sala Suggia

CICLO PIANO
FUNDAÇÃO EDP
ANO FRANÇA

Piotr Ilitch Tchaikovski

Álbum da Juventude, op. 39 (1878; c.30min)

1. *Oração matinal*
2. *Manhã de Inverno*
3. *O pequeno cavaleiro*
4. *Mamã*
5. *Marcha dos soldadinhos de pau*
6. *A boneca está doente*
7. *Morte da boneca*
8. *Valsa*
9. *A nova boneca*
10. *Mazurka*
11. *Canção Russa*
12. *Um camponês a tocar acordeão*
13. *Kamarinska*
14. *Polka*
15. *Canção italiana*
16. *Antiga canção francesa*
17. *Canção alemã*
18. *Canção napolitana*
19. *Conto infantil*
20. *A bruxa dos bosques*
21. *Sonhos doces*
22. *Canto da cotovia*
23. *Canção do tocador de órgão*
24. *Na igreja*

Xavier Montsalvatge

Sonatina para Yvette (1961; c.9min)

1. *Vivo e spiritoso*
2. *Moderato molto*
3. *Allegretto*

[Pausa técnica]

Robert Schumann

Cenas Infantis, op. 15 (1838; c.10min)

1. *De povos e terras distantes*
2. *História curiosa*
3. *Cabra-cega*
4. *Criança que suplica*
5. *Felicidade plena*
6. *Acontecimento sério*
7. *Sonho*
8. *À lareira*
9. *Cavalinho de madeira*
10. *Um pouco sério*
11. *Fazer medo*
12. *A criança adormece*
13. *O poeta fala*

Maurice Ravel

La Valse, poema coreográfico (transcrição para piano solo)

(1920; c.13min)

O repertório pianístico dedicado à infância reveste-se de particular interesse quando enquadrado na obra de alguns compositores. A música especialmente concebida tendo em consideração o público juvenil, como no caso do *Álbum da Juventude* de **Piotr Ilich Tchaikovski** (Votkinsk, 1840 — São Petersburgo, 1893), constrói-se a partir de miniaturas preciosas que expressam muitos dos traços estilísticos e expressivos dos compositores. Longe de constituírem repertório “simples”, revelam normalmente uma personalidade musical que percorre desde o momento mais *gíocoso* e leve a uma simplicidade emocionalmente profunda.

Tchaikovski dedicou a obra ao seu sobrinho predilecto Vladimir Davydov, uma criança que sempre o fascinara e que se tornaria uma importante âncora em momentos mais difíceis da sua vida. Não é, pois, de estranhar que quando decide compor os 24 números que compõem o *Álbum da Juventude* op. 39, em 1878, o compositor o dedique ao seu sobrinho e escreva ao cunhado, Lev Davydov, pedindo-lhe que explique que o tio “Petya” lhe havia dedicado aquelas páginas.

Mas outros factores contribuíram para a composição das 24 miniaturas que integram esta obra. Durante a sua estadia em Florença, Tchaikovski escreveu a Piotr Jurgenson, seu amigo e editor musical, referindo que queria iniciar a composição de peças fáceis para piano. No mesmo período, partilhou a ideia com Nadezhda von Meck, referindo que queria contribuir para este tipo de repertório, na mesma linha do que fizera Schumann ao compor o *Album für die Jugend* op. 68. Por este motivo, a obra de Tchaikovski apresentava como subtítulo “24 peças fáceis (à la Schumann)”.

O compositor iniciou a composição das 24 peças que integram o *Álbum da Juventude* algures entre Fevereiro e Março de 1878. No final de Maio, concluiu o primeiro esboço de todas as peças, procedendo depois à revisão geral. A cópia final terá ficado concluída entre meados de Julho e início de Agosto, seguindo depois para Jurgenson para publicação. As peças foram elaboradas tendo presente uma baixa dificuldade técnica, de forma a que se adaptassem facilmente às possibilidades das crianças. Cada miniatura revela qualidades expressivas únicas. A primeira intitula-se “Oração matinal” e invoca um certo ambiente solene, um hino de serenidade e nostalgia. Segue-se “Manhã de Inverno”, com mais ímpeto e momentos mais sombrios a remeter para o Inverno, antecedendo a curta peça “O pequeno cavaleiro”, com grande leveza musical mas mais viva. “Mamã”, a peça n.º 4, envolve-nos numa sonoridade de ternura e afectos que contrasta com a ritmada “Marcha dos soldadinhos de pau”. Em “A boneca está doente”, o compositor apresenta-nos uma sonoridade melancólica e triste que prepara, de certo modo, o momento solene da “Morte da boneca”, em tom de marcha fúnebre. A peça n.º 8 apresenta-nos uma “Valsa” ligeira com um tema sedutor, que precede o surgimento de “A nova boneca”, cheia de vida e alegria. O compositor apresenta-nos depois duas peças singulares: uma “Mazurka” de carácter acentuado, à qual se segue uma tranquila “Canção russa”. “Um camponês a tocar acordeão” é uma peça na qual o compositor procura replicar uma sonoridade simples e enriquecida pelos acordes que remetem para aquele instrumento. Depois da canção popular “Kamarinska”, num tom vivo, alegre e quase celebrativo, surge a “Polka” com um carácter mais *gíocoso*. A “Canção italiana” privilegia uma melodia que Tchaikovski terá ouvido cantar numa

rua de Florença e que contrasta com a mais melancólica “Antiga canção francesa”, à qual se segue uma “Canção alemã” ao estilo do *Ländler*. A peça n.º 18 é uma “Canção napolitana” com um sabor popular e vivo. O “Conto infantil” conduz-nos a um mundo quase mágico com diferentes ambientes musicais, contrastando com “A bruxa dos bosques”, num cenário musical que procura alimentar o imaginário fantástico. Segue-se “Sonhos doces”, que nos transporta para um lugar confortável e sonhador, e o “Canto da cotovia”, com uma perfeita apropriação das suas nuances sonoras. Depois da simplicidade e doçura da “Canção do tocador de órgão”, segue-se a peça final, “Na igreja”, a mais longa deste álbum, marcada por grande solenidade e seriedade.

Da segunda metade do séc. XX, surge em programa a *Sonatina para Yvette*, do catalão **Xavier Montsalvatge** (Gerona, 1912 — Barcelona, 2002). Compositor destacado da sua geração, estudou violino e composição no Conservatório de Barcelona com nomes como E. Morera, J. Pahissa e E. Toldrà. A sua carreira é marcada por interessantes mudanças na abordagem à composição musical, desde a influência de Wagner e do dodecafonismo à de compositores como Messiaen e Auric, adoptando técnicas da politonalidade livre e, na fase final, da vanguarda musical. A obra em programa foi composta em 1961 com o intuito de ser estreada no ano seguinte pelo seu amigo e pianista Gonzalo Soriano, a quem a dedicou, e que era um dos intérpretes mais relevantes do seu repertório.

A Yvette que consta no título é a sua filha, à época com cinco anos e que terá, como veremos, influência em alguns aspectos da composição. A obra apresenta três andamentos contrastantes quanto ao seu carácter. O primeiro, *Vivo e spiritoso*, inicia-se com uma melodia viva que nos remete para o imaginário infantil alegre e luminoso, seguindo-se secções de maior tensão e complexidade rítmica, assim como a exploração das dinâmicas do piano. O segundo andamento, *Moderato molto*, mais introspectivo e sombrio, desenvolve-se no tempo através de elementos mais pronunciados de politonalidade e inspiração jazzística, tal como encontramos noutras obras deste período. A sonatina termina com o *Allegretto*, conhecido não apenas pela sua dificuldade técnica como pela citação musical da melodia *Ah, vou dirai-je, Maman*, regularmente cantada pela filha do compositor e à qual este concede uma roupagem exuberante e expansiva.

O tema da infância leva-nos até uma obra incontornável do repertório pianístico, *Kinderszenen* ou *Cenas Infantis*, op. 15, composta em 1838 por **Robert Schumann** (Zwickau, 1810 — Emden, 1856). A década de 30 tinha sido especialmente intensa para Schumann, que se dedicara bastante à composição de repertório pianístico com obras mais curtas ou pequenos ciclos que remetiam para ligações poéticas ou para uma dimensão autobiográfica. Também nestes anos, o mundo emocional de Schumann passara por alguns turbilhões que afectariam a sua saúde mental — contando com um estado depressivo prolongado e uma tentativa de suicídio — e via-se adensado pela situação que vivera a propósito da relação com Clara Wieck, não aprovada pelo pai desta.

As *Cenas Infantis* são um olhar adulto de Schumann sobre a infância, através das suas memórias. A obra inclui um conjunto de 13 peças escolhidas pelo compositor a partir de um conjunto de

cerca de 30, que compôs de forma mais livre. A primeira, “De povos e terras distantes”, remete-nos para uma memória longínqua mas ao mesmo tempo familiar, um lugar na memória trazido por uma melodia acolhedora. Segue-se “História curiosa”, com um motivo marcado e quase marcial contrastando com um ambiente mais melódico na segunda secção. “Cabra-cega” é um momento vivo em que o ambiente de brincadeira é transmitido pelo *stacatto* e por notas marcadas. Em “Criança que suplica”, Schumann mergulha num mundo melódico enriquecido com a harmonia distribuída entre as duas mãos, com uma última secção em que a linha melódica é alargada por um extenso *ritardando*. Num tom mais celebrativo, “Felicidade plena” introduz-nos, através da melodia e do ritmo, num caminho seguro e feliz, marcado sobretudo pelo desdobramento do baixo na mão esquerda. Segue-se o “Acontecimento sério”, anunciado com grande bravura e intensidade. Schumann encaminha-nos depois para um outro mundo sonoro, em claro contraste com o anterior, numa das peças mais conhecidas desta obra: “Sonho”, guiado por um ambiente calmo mas ao mesmo tempo nostálgico, sugerido pela riqueza harmónica. Com delicadeza, surge de seguida “À lareira”, com uma linha melódica apoiada por uma harmonia estável. “Cavalinho de madeira” apresenta uma estrutura rítmica marcada a sugerir a brincadeira das crianças a cavalgar. “Um pouco sério” encaminha-nos por uma calma preocupada, atenta, conduzida pela melodia intrincada no acompanhamento da mão esquerda, num tom de reflexão. O título “Fazer medo” justifica-se por nos introduzir à incerteza e ao inesperado através da alternância de dois materiais temáticos contrastantes, mas sempre no registo dinâmico do *pianissimo*, com apenas uma secção intermédia em *forte*. No andamento seguinte, “A criança adormece”, Schumann expõe-nos a uma configuração rítmica que parece o embalar de uma criança a adormecer, encaminhando a harmonia para momentos de ternura melódica. A obra termina com “O poeta fala”, numa textura de acordes com uma secção intermédia quase livre que depois retoma o desenho inicial, parecendo deixar-nos com uma expressão poética da própria infância.

O programa termina com *La valse* de **Maurice Ravel** (Ciboure, 1875 — Paris, 1937). Desde o início do séc. XX que o compositor francês revelava um certo fascínio pelo apogeu da valsa enquanto género musical, compondo em 1911 as *Valses nobles et sentimentales*, inspiradas nas valsas de Schubert. Nesse período, desenvolveu um certo interesse pelas valsas vienenses de Johann Strauss II, esperando uma oportunidade para trabalhar essa temática, o que apenas aconteceria entre 1919-1920 quando se dedicou à composição deste poema coreográfico. Quando concluiu a obra, apresentou-a numa versão para dois pianos a Serguei Diaghilev, dos Ballets Russes, com o intuito de servir para um futuro bailado, o que não veio a acontecer — apesar de apreciar a parte musical, Diaghilev não a considerava indicada para um bailado. A versão orquestral, a mais conhecida, foi estreada a 12 de Dezembro de 1920, em Paris, sob a direcção de C. Chevillard. O compositor elaborou posteriormente uma transcrição fiel para piano na qual procurou manter o carácter da obra orquestral. Neste ponto, torna-se interessante perceber que, por um lado, os múltiplos ambientes procuram a celebração e uma certa apoteose da valsa vienense — facilmente audível em diferentes momentos —, e por outro lado

persiste no discurso musical um lado nervoso, irrequieto e, segundo alguns autores, quase macabro, simbolizando o final de uma era confusa, marcada pela guerra e pela dificuldade de retoma de um quotidiano normal.

PEDRO RUSSO MOREIRA, 2020

Denis Kozhukhin piano

Vencedor do Concurso Rainha Isabel de Bruxelas (2010) com apenas 23 anos, Denis Kozhukhin consolidou-se como um dos grandes pianistas da sua geração. Dono de uma técnica irrepreensível, combina com mestria brilho, poder e um domínio único da forma, a que se junta a maturidade da sua abordagem.

Kozhukhin apresenta-se regularmente com as principais orquestras internacionais, como a Orquestra Real do Concertgebouw, a Staatskapelle de Berlim, a Philadelphia Orchestra, as Sinfónicas de Londres, Chicago, São Francisco e Viena, as Filarmónicas de Israel, Roterdão, Londres, Rádio NDE, São Petersburgo, Real de Estocolmo e Oslo, entre outras. Em 2018 estreou-se nos Proms da BBC, interpretando o Concerto para piano n.º 2 de Chostakovitch com a Aurora Orchestra.

Na temporada 2020/21 estreia-se com a Filarmónica de Los Angeles, as Sinfónicas de Malmö, Antuérpia, Bilbao e ADDA e Filarmónica de Szczecin. Regressa à Philharmonia Orchestra, à Filarmónica de Londres, à Sinfónica Escocesa da BBC, à Sinfónica Nacional Belga, à Sinfónica do Estado de Moscovo, à Filarmónica de São Petersburgo, às Sinfónicas de Gävle (Suécia), Islândia e Colorado e à Orquestra do Centro Nacional de Artes do Espectáculo de Pequim. Apresenta-se em digressão na Europa e nos Estados Unidos da América, com Janine Jansen, e em recital nas salas Boulez Saal, Elbphilharmonie, Konzerthaus de Viena, Casa da Música e Harpa (Islândia). É artista convidado do Festival da Primavera de Praga, do Festival Internacional de Malta, do Festival de Piano de Ruhr, do Festival da Arménia e do Festival de Música de Câmara de Jerusalém.

A sua mais recente gravação das *Variações Sinfónicas* de César Franck, com a Filarmónica de Luxemburgo sob a direcção de Gustavo Gimeno, foi lançada pela editora Pentatone em Junho de 2020 e aclamada pela crítica. O último trabalho a solo, que incluiu as *Canções sem Palavras* de Mendelssohn e as *Peças Líricas* de Grieg, foi escolhido pela Gramophone como “álbum do mês” e nomeado para os Prémios Opus Klassik (2020) nas categorias de “gravação a solo” e “instrumentista do ano”.

Ávido instrumentista de música de câmara, Kozhukhin é frequentemente convidado para prestigiantes festivais e colabora com músicos como Janine Jansen, Jörg Widmann, Julian Rachlin, Vadim Repin, Leonidas Kavakos, Michael Barenboim, Vilde Frang, Renaud e Gautier Capuçon, Jerusalem Quartet, Pavel Haas Quartet, Elena Bashkurova, Radovan Vlatkovic, Emmanuel Pahud, Alisa Weilerstein, Nicolas Alstaedt, Julian Steckel e Pablo Ferrández, entre outros.

Denis Kozhukhin nasceu em Nizhni Novgorod (Rússia, 1986), no seio de uma família de músicos. Começou a estudar piano com a mãe, aos 5 anos de idade, e foi orientado por Natalia Fish na Escola de Música de Balakirev. Entre 2000 e 2007, estudou na Escola Superior de Música Rainha Sofia, em Madrid, com Dimitri Bashkurov e Claudio Martinez-Mehner. Completou os estudos na Academia Internacional de Piano de Lake Como, onde recebeu conselhos de Fou Ts'ong, Stanislav Yudenitch, Peter Frankl, Boris Berman, Charles Rosen e Andreas Staier. Em Estugarda foi aconselhado por Kirill Gerstein. Nos últimos anos tem sido orientado pelo maestro Daniel Barenboim.